

Resenha

Palavras fazem imagens

Maria Helena Hespanhol*

RANGEL, Vilmar. *Dança entre dorsos tensos*. 2.ed. Campos dos Goytacazes, RJ: ACL, 2010.

Articulada com o que há de melhor em literatura contemporânea, “dança entre dorsos tensos”, a recente obra do escritor Vilmar Rangel, inaugura uma nova linguagem de comunicação com o leitor, no vaivém das nuances e curvas de uma estética renovadora. Diz sim à arte de fazer da linguagem poética um laboratório, onde a língua perde o seu papel de ferramenta para se tornar um experimento, cuja substância é a própria palavra. Em compassos assimétricos, signos dançam não mais “o dois pra lá, dois pra cá”, o trivial, a mesmice. Nos poemas, as qualidades semânticas e as especificações estruturais de cada palavra são reinventadas a cada evento.

Numa interação dialógica agir/reagir, a poética vilmariana vai imprimindo seus modos de dizer o mundo e do seu estar no mundo, ideia universal de confronto homem/mundo ou homem/ele mesmo. Com olhar atento, eu, leitora, preciso, ousadamente, recusar a relação com o real e penetrar nas armadilhas da escritura. Preciso me deter no aspecto das formas poéticas, no seu caráter inventivo. Procuo caminhos para “semiotizar” as informações intra e extratextuais, dando-lhes estatuto próprio.

A leitura da capa é o ponto de partida. No cenário de cores e sombras se constrói, teatralmente, a imagética dos signos que estão por vir, convidando-nos a aguçar todos os sentidos — ver, ouvir, falar, tocar, sentir e tantos outros que nos assaltam durante o percurso. Usurpa de nós a conveniência da reta, e, num corpo-a-corpo com o visível e o sensível, faz um convite a um minuto de vigília, lembrando-nos Fernando Pessoa: “o que em mim sente, está pensando”. Essa invasão do conflito inicial remete à racionalidade interpretativa, lançando respostas sígnicas ao mundo. Assim, re/descubro signos que, velados sob um disfarce, subentendidos e subliminares, desenham a poética da obra. Como dizer o indizível? Os signos visuais, coadjuvantes da mensagem, impulsionam para as coisas que, vivas, palpitam e pulsam: sobre o pano de fundo preto, curvas da espinha dorsal despem-se do manto, que se desfaz, lentamente, sob o véu vermelho... Imagem traduzida em palavras, onde signos emergem, rompendo a virgindade e pureza poéticas, agora defloradas por uma nova postura estética: inventiva, sensual, sedutora.

O título — “dança entre dorsos tensos” — encadeamento de semas-cartilagem, direciona o olhar do leitor (o meu, inquieto por fazer os desdobramentos em semas-sememas— signos) para uma camada não submersa, mas intravenosa da linguagem,

* Poeta, Licenciada em Letras, com especialização em Pós Modernidade e Cultura

visceralmente encravada entre pele-músculos-ossos-veias-sangue-razão-pensamento-alma-doação, como que compondo as entranhas da urdidura que tece a linguagem poética. No des/alinhamento da ordem natural, em movimentos curvilíneos, dorsos de carne e osso — ainda que tensos — serpenteiam, bailam sob acordes sibilantes em /s/ /ç/, entregam-se à dança num processo contínuo de submersão e imersão. Acasalando signos da língua, faz surgir outros tantos infinitos, para além de significantes e significados. E a poesia emerge liberta, transgressora, única.

Na tessitura dos poemas, a construção da subjetividade se dá nos temas que percorrem conflitos sentimentais, problemas existenciais e, intencionalmente, racionais nos processos de metalinguagem. A languidez morna dos poemas bucólicos e a serenidade na constatação da transitoriedade da vida ora mostram quietude que gera tensão, ora tentam ocultar a inquietude das indagações do eu, enquanto ser coletivo, imprevisível, capaz de nutrir uma postura crítica face às suas singularidades pragmáticas.

Ao final da arquitetura poética, no último poema, a imagem-primeira se redesenha nos signos além. Sorrateira, acende a luz, entrega o jogo e se despe de sua pudica caracterização de máscara. Revela-se, des-vela, vela a insensatez de dizer o indizível.

“Poesia é imagem feita de palavras, e eu não sei como fazer isso”, disse, recentemente, o escritor Luiz Fernando Veríssimo. Cá entre nós, o poeta Vilmar Rangel sabe como fazer, e o faz muito bem.

